

O Aleph Peirceano

Lucilinda Teixeira *

Passeando no labirinto dos signos borgianos

“Chego, agora, ao inefável centro do meu relato; começa aqui meu desespero de escritor. Toda linguagem é um alfabeto de símbolos cujo exercício pressupõe um passado que os interlocutores compartilham; como transmitir aos outros o infinito ALEPH, que minha tímida memória mal e mal abarca? (...) Mesmo porque o problema central é insolúvel: a enumeração, sequer parcial, de um conjunto infinito. Nesse instante gigantesco, vi milhões de atos agradáveis ou atroz; nenhum me assombrou mais que o fato de todos ocuparem o mesmo ponto, sem superposição e sem transparência. O que meus olhos viram foi simultâneo; o que transcreverei será sucessivo, pois a linguagem o é (...)” (Borges, 1989:132)

Aí está o arqui-famoso relato de Jorge Luis Borges sobre seu ALEPH. A meu ver, é bastante revelador o dilema que o assalta: como transcrever numa pauta linear, discursiva e lógica, as mil faces simultâneas dessa icônica esfera brilhante? Ádua tarefa essa do poeta-escritor: deixar “coar” em pequeninas gotas, algumas porções do pensamento grandioso, povoado de ritmos, cheiros, cores, sensações e sentimentos, formas e melodias? Como, segundo Peirce, transformar ícones em símbolos.

Continuando com Borges:

“Na parte inferior do degrau, à direita, vi uma pequena esfera furta-cor, de brilho quase intolerável. Primeiro, supus que fosse giratória; depois, compreendi que esse movimento era uma ilusão produzida pelos vertiginosos espetáculos que encerrava. O diâmetro do ALEPH seria de dois ou três centímetros, mas o espaço cósmico ali estava, sem diminuição de tamanho. Cada coisa (o cristal do espelho, digamos) era infinitas coisas, porque eu via claramente de todos os pontos do universo (...)” (Borges, 1989:133)

Borges perdido em seus labirintos de imagens e espelhos, tentando se desvencilhar dos disciplinados alfarrábios da escrita. O que seria esse ALEPH de mundos multifacetados furta-cores?

O labirinto peirceano.

“Eu parecia estar perdido num mato cerrado até que, pela aplicação minuciosa dos primeiros princípios, descobri que as categorias, que eu fora conduzido a pôr de lado por não ver como deviam ser aplicadas, precisariam fornecer e

realmente forneciam, o fio que me guiou nesse labirinto.” (CP, 1990:34)

Peirce fala, nesse trecho acima, justamente da sua “inferência hipotética”, ou seja, da Abdução, que, noutra parte, ele conceitua como sendo o processo de formação de uma hipótese explanatória (...), a única operação lógica que apresenta uma idéia nova, pois a indução nada faz além de determinar um valor, e a dedução meramente desenvolve as conseqüências necessárias de uma hipótese pura (...) a Abdução apenas sugere que alguma coisa pode ser (...) não há quaisquer razões que lhes possam ser atribuídas, tanto quanto sei e ela necessita de razões, visto que simplesmente oferece sugestões. (...) (Peirce, 1990:220)

O problema que se apresenta a quem vai estudar ou aplicar Peirce, é, guardadas as devidas proporções, o mesmo de Borges, enaranhado no seu dilema perceptivo dum ALEPH refratado e refratário a prontas decifrações. Se ele, esse enigmático ícone, já não se permite deixar-se ver, pense-se, então, na cruel dificuldade de traduzi-lo em outros signos, no caso de Borges - os escritos. Pois, até nisso, exemplarmente, esse “ovni” perceptual se assemelha à teoria dos signos de Peirce. O que o lógico e matemático norte-americano erigiu não foi e não é frases de efeito, receitas prontas, mas sim, e aí talvez resida um dos motivos por que seu arcabouço filosófico é ainda hoje mal conhecido ou mal aplicado, um completo edifício teórico, em que cada noção, cada conceito, cada nomenclatura tem seu devido lugar, sem, porém, deixar de se articular, uns influenciando sobre os outros - especialmente, dialogicamente. Daí o subtítulo com que iniciei - Labirinto de Peirce. Realmente, retomando Borges, como entrar, em que ponto entrar nesse edifício filosófico peirceano? Ou: como tratar ponto-a-ponto, linearmente, dentro do eixo temporal, ocorrências físicas e mentais (raciocínios) simultâneas? Talvez deva-se guiar por Peirce. Como ele próprio disse, “chave” está em sua teoria dos signos. Então, analisemos o que Peirce entende por Signo: “Um signo, ou representâmen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém” (Peirce, 1990:46)

A professora Lúcia Santaella em “A Assinatura das Coisas”, diz ter preferência, por lhe parecer “mais ricamente evidenciadora da trama lógica da semiose”, pela seguinte definição de signo:

“Um signo intenta representar, em parte (pelo menos), um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou

* Lucilinda Teixeira é professora do Departamento de Língua e Literatura da Unama, Doutoranda em Comunicação e Semiótica PUC-SP.

determinante do signo, mesmo que o signo represente o objeto falsamente. Mas dizer que ele representa o seu objeto, implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determina naquela mente algo que é mediadamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo e da qual a causa mediada é o objeto que pode ser chamada de interpretante.” (CP 6.347 apud Santaella, 1992 : 189)

Já podemos afirmar que aquele ALEPH de Borges é um signo, pois naquele “momento” especial, singular e único da semiose, representou algo para o referido escritor, afetando-lhe a mente, de modo a criar nela algum efeito, que era, como vimos, projeções de várias ocorrências simultâneas. Outra pergunta, agora, se faz necessária: se a “chave” para se sair do labirinto, como explicou Peirce, reside em suas categorias, qual a relação destas com o ALEPH borgiano? Ou, de outro modo, de que natureza é o fenômeno “alephiano” conforme as categorias de Peirce?

Para começar a responder essa questão, novamente seria necessário ouvir Peirce:

“Primeiridade é o começo, aquilo que tem frescor, é original, espontâneo, livre. Secundidade é aquilo que é determinado, terminado, final, correlativo, objeto, necessitado, reativo. Terceiridade é o meio, devir, desenvolvimento. (Peirce 1992:280 apud Santaella 1993:36).

Em virtude da dificuldade que a teoria dos signos oferece à sua exposição discursiva-linear, fomos obrigados a adiantar que o ALEPH poderia ser um ícone. Entretanto não conceituamos ícones, índices e símbolos.

É mais uma vez Lúcia Santaella que traz em seu livro “Produção de Linguagem e Ideologia”, os três conceitos acima. Diz ela:

“Segundo Peirce, na relação do signo com o objeto, ou seja, na relação do signo com aquilo que ele representa, distinguem-se três tipos de signos; ícone - não tem nenhuma conexão dinâmica com o objeto que ele representa. Acontece simplesmente que suas qualidades se assemelham àquelas do objeto, e excitam sensações análogas na mente para a qual ele é semelhante. Mas ele realmente se mantém desconectado delas.

Índice - fisicamente conectado com seu objeto. Eles formam um par orgânico, porém a mente interpretadora não tem nada a ver com essa conexão, a não ser constatá-la depois que ela está estabelecida.

Símbolo - está conectado com seu objeto em virtude da idéia na mente que usa o símbolo, sem a qual a conexão não existiria. Toda operação mental envolve uma tríade de símbolos.” (Peirce-Ch-S., Collected Papers, vol II, 2.299, trad. E cit por Santaella 1980 : 150).

Da conceituação acima, podemos entender que a esfera furta-cor que Borges tentou descrever era, sem sombra de dúvidas, de natureza icônica. Na sua descrição ele diz “supor” ser giratória, depois “compreendeu” ser ilusão e que “cada coisa era infinitas coisas” (não citamos, mas o argentino enumera uma série enorme de “coisas” que passou

a ver). Por isso é que o objeto dinâmico - aqui há muitos objetos dinâmicos - no caso específico da “revelação “do ALEPH a Borges, não determina(m) o signo, porém a ele se ligam por semelhança. Estamos pisando o delicado terreno da Percepção, onde uma Mente Interpretante infere similaridades entre o que percebe e algo já existente em sua consciência, a que Peirce denomina de Experiência Colateral:

“Na percepção, em que conhecemos uma coisa como existindo, é evidente que existe um juízo de que a coisa existe, uma vez que um mero conceito geral de uma coisa em caso algum é uma cognição dessa coisa enquanto existindo (...) mas seria igualmente verdadeiro dizer que os signos denotam aquilo que denotam a partir dos três princípios de semelhança, de contiguidade e causalidade. Não pode haver dúvida de que alguma coisa é um signo de qualquer outra coisa que à primeira estiver associada por semelhança, contiguidade ou causalidade: nem pode haver dúvida alguma de que um signo qualquer relembra a coisa significada.” (Peirce, 1990 : 281)

Isso quer dizer que no caso do ícone, um primeiro, um algo da Primeiridade, seja uma cor, uma forma vaga, ou qualquer outro percepto que se apresente a uma mente interpretante, o objeto dinâmico é estabelecido, depois, por esta mesma mente, por semelhança. Por esse motivo, Peirce o denomina um signo altamente degenerado, o que não se dá com o índice, este é ligado ao objeto dinâmico por conexão física.

É interessante também notar que, quando Peirce formula a classificação do signo com relação ao seu objeto, isso não quer dizer que este objeto é somente ícone, ou índice, ou símbolo.

Partindo das relações que se estabelecem numa mente interpretante, na qual, conforme Santaella, este hipotético objeto dinâmico “é sempre substituível por outro, pois no mundo dos símiles e demônio das analogias faz a festa.” (Santaella 1992: 194-195), temos o ícone. Todo signo tem seu aspecto icônico, que é a forma pela qual pode ser reconhecido, isto quer dizer que ele, ícone, apresenta-se à mente sob uma forma qualquer (seu fundamento), podendo ser percebido. Mas, no momento em que as relações de similaridade com qualquer objeto dinâmico são estabelecidas pela mente interpretante, o ícone já “perde” a sua qualidade de primeiro, passando a índice, e deste, no instante em que a mente o liga a uma convenção, ou a uma lei, à condição de símbolo.

Interpretante e intérprete.

Para Peirce interpretante imediato é um possível efeito (Peirce o denomina significado) que o signo contém e que prescinde duma mente que o interprete. Interpretante dinâmico é, por outro lado, o efeito que um dado signo causa numa mente singular, única. É necessário colocar que Peirce não elege a mente humana como única interpretante, estendendo-a a qualquer máquina ou equipamento capaz

de reconhecer e interpretar um signo, bem como traduzi-lo em outro signo. Segundo Santaella. “o que o intérprete faz ao receber o signo, é promover uma interpretação efetiva, singular, falível, psicológica, relativa. Cada interpretação singular, por cada intérprete singular, tem algo de irrepitível (o acontecimento que não volta mais), porém tem algo de geral e coletivo, o que faz a interpretação ser comunicável.” (Santaella 1992 : 196)

Analisando os interpretantes que podem ser efetivamente produzidos, continua Santaella a classificá-los em “emocional, desde uma mera qualidade de sentimento vaga e indefinível até uma emoção codificada (...). O segundo nível é energético, o esforço que é da ordem da ação física ou psíquica, pois existe um embate perceptível, em maior ou menor grau, entre o signo e a mente interpretadora (...). O terceiro nível é o lógico, uma regra de interpretação. Em grande parte da nossa vida acordada ou mesmo dormindo, estamos produzindo interpretantes lógicos, pois entendemos as coisas segundo regras de interpretação já internalizadas.” (Santaella 1992 : 197)

O Percepto e o Percipuum: o julgamento perceptivo.

Acho bastante ilustrativa a passagem em que Peirce, falando sobre Perceptos diz textualmente:

“Minha opinião é que um Ícone puramente perceptivo - e muitos psicólogos realmente importantes pensaram, evidentemente, que a Percepção consiste num desfilar de imagens diante dos olhos da mente, tal como se estivéssemos andando por uma galeria de quadros - não poderia ter um Fema como Interpretante Dinâmico direto (...)” (Peirce 1990 : 180)

E Santaella esclarece o que vem a ser Julgamento Perceptivo, afirmando que ele (o julgamento) existe num contínuo, é a premissa dos nossos raciocínios, contém características gerais da Terceiridade, mistura-se e desaparece na Abdução, contendo elementos hipotéticos e falíveis. (Santaella 1990 : 180)

Linhas à frente, ela conceitua e estabelece as ligações entre Percepto, Percipuum e Julgamento Perceptivo: “Mas o julgamento de percepção, da natureza de um signo, é determinado por um objeto dinâmico, que tem a primazia real sobre o signo. Esse é o percepto (...) o percepto é aquilo que aparece e se esforça sobre nós, brutalmente, no sentido de que não é guiado pela razão. Não tem generalidades (...) Peirce, em algumas passagens, leva-nos a inferir que o percepto só tem elementos de primeiridade e secundidade, estando desprovido de terceiridade. Não existindo esse elemento de generalidade, temos aí um argumento a mais para aceitar a tese de Benstein de que o ‘percipuum’ é o percepto concebido como produto mental (...)” (Santaella 1992 : 91-92)

Saindo de um duplo labirinto.

“Vi o populoso mar, vi a aurora e a tarde, vi as multidões da América, vi uma prateada teia de aranha no cento de uma negra pirâmide, vi um roto labirinto (era Londres). (Borges 1989: 133)

E Borges continua por muitas linhas a enumerar uma série sem fim de imagens a “desfilarem diante dos olhos e da mente, tal como se estivessem andando por uma galeria de quadros”. Os ícones, signos degenerados no mais alto grau, são por ele conectados, por semelhança, a vários objetos dinâmicos (mar, aurora, tarde, multidões, América, etc) passando, aí, à condição de índices, sendo, simultaneamente submetidos, de acordo com a experiência colateral do narrador, em generalizações (julgamentos perceptivos), que, traduzidos em outros signos, agora verbais, chegam, nesse momento até nós... que os traduzimos em outros signos, agora verbais e orais, portanto símbolos... e assim “ad infinitum”.

Bibliografia

- BORGES, Jorge Luís (1989). O Aleph. São Paulo: Globo.
PEIRCE, Charles Sanders (1990). Semiótica. São Paulo: Perspectiva.
SANTAELLA, Lúcia (1980). Produção de Linguagem e Ideologia. São Paulo: Cortez.
_____. (1992). A Assinatura das Coisas. Rio de Janeiro: Imago.
_____. (1993). A Percepção. São Paulo: Experimento.